

OLARIA NORTE DE PORTUGAL

ENTRADA LIVRE

Ficha Técnica Exposição

Título: Olaria Norte de Portugal

Organização: Museu de Olaria (Município de Barcelos)

Coordenação e planificação: Cláudia Milhazes, Patrícia Moscoso

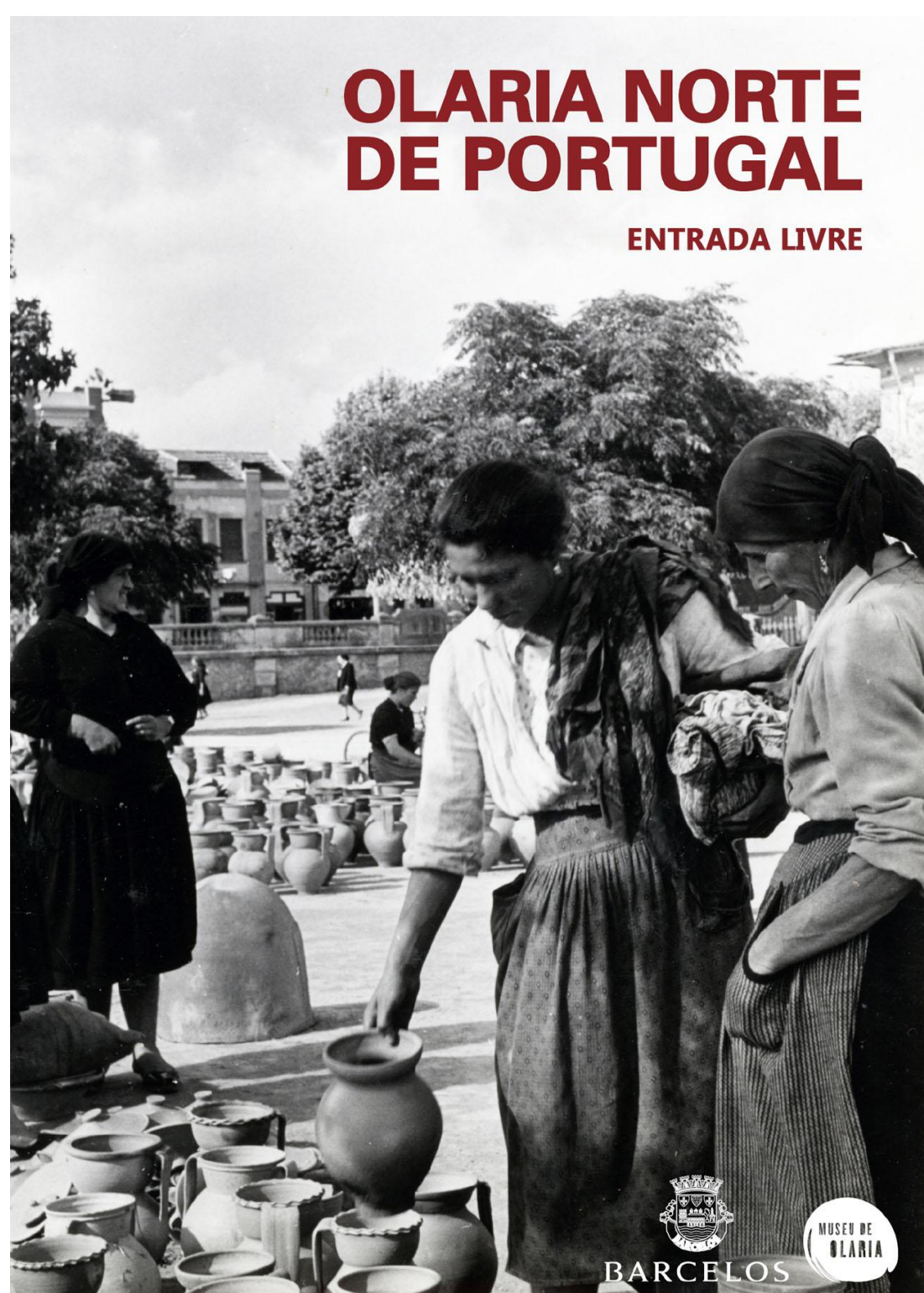
Textos: Isabel Maria Fernandes, José Viana.

Montagem: Carlos Oliveira; Maria de Fátima Cibrão; Maria de Fátima Pateira

Design gráfico: Raquel Carvalho

Fotografia: Arquivo Fotográfico do Museu de Olaria; Arquivo da Foto Marius (Vila Real); Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo (Arquivo Santos Júnior); Museu Nogueira da Silva (Arquivo Rocha Peixoto); Carlos Romão

Produção de videograma: Sinalvídeo



BARCELOS



Olaria Norte de Portugal

A olaria é uma das mais antigas atividades humanas, mantendo inalteradas, através dos tempos, grande parte das suas características.

O trabalho nas olarias é praticamente transversal a todo o território português. Como bem realçou o escritor Ramalho Ortigão: *“nenhum outro povo sabe torneiar na roda de oleiro com mais esbelteza e mais puro aticismo o pote ou a bilha de barro, a púcira, o gomil e o pichel, de Coimbra, de Prado, de Mafra, de Redondo, de Loulé.*

Esta exposição é composta de peças de louça utilitária pertencentes aos mais importantes centro oleiros do norte de Portugal. Este tipo de loiça respeita à olaria destinada aos usos domésticos mais comuns e dava resposta às necessidades familiares. Aqui se encontram, portanto, peças de louça preta, louça vermelha fosca e louça vidrada de Parada de Gatim, Barcelos, Guimarães, Bisalhães, Vilar de Nantes, Selhariz, Pinela, Felgar e Gondar.

Outrora utilizada em todas as casas portuguesas, a louça utilitária começou a cair em desuso a partir da década de setenta do século passado, em detrimento dos utensílios de plástico e de metal.

Gondar (Amarante, Porto)

A antiguidade do centro olárico de Gondar parece remontar ao séc. XVII, tendo tido a sua origem em oleiros provenientes de S. Martinho de Paus, na altura freguesia do concelho de S. Martinho de Mouros.

Em 1903 os oleiros de Gondar distribuíam-se por três lugares: Vila Seca, Corujeiras e Rio, trabalhando na roda baixa e cozendo em soenga, associando por vezes o trabalho na arte com o amanho de um pouco de terra.

Os oleiros misturavam duas qualidades diferentes de barro, em proporção que a experiência definia. O barro era *picado* na *pia* com um *pico*, peneirado para dentro da *gamela* e misturado com água, formando-se os *massucos* – quantidade de barro pronto a ser utilizado no trabalho à roda.

As peças são singelamente decoradas com encrespado, cordões horizontais ou verticais, que podem ou não ser digitados, e com motivos feitos com o *fanadoiro*.

Pinela (Bragança, Bragança)

Em 1881 é referido o fabrico de loiça, por mulheres, em Pinela e Paredes.

O barro era estendido numa eira e picado com uma sachola, deixando-se secar. Preparava-se do seguinte modo: dispunha-se o barro sobre uma grande laje de pedra que existia no chão da loja, nivelada pelo pavimento. Com os joelhos pousados sobre uma espécie de almofada a oleira ia esmagando o barro seco com um maço de madeira, dedicando-se de seguida a peneirá-lo. O barro *fermento* ou *grosso* não era seco, sendo armazenado em sacos e guardado. Quando precisava de barro a oleira diluía-o em água dentro do *masseirão*, sendo de seguida trasfegado para um balde com o auxílio de um púcaro, e coado através de uma vassourinha feita de giesta. Para fazer a loiça a oleira misturava as duas qualidades de barro amassando bem.

Estas mulheres, conhecidas como *louceiras*, usavam a roda baixa, trabalhando ajoelhadas.

Seca a loiça estava pronta para ser cozida no forno comunal, que ainda hoje se conserva.

Prado: a ancestralidade da arte

Quando nomeamos a olaria no Minho lembramos de imediato Barcelos. Mas, se recuarmos à Idade Média, verificamos que a produção cerâmica se estendia ao longo da margem direita do Rio Cávado (com breves e esporádicas incursões na outra margem), na área dos actuais concelhos de Barcelos, Vila Verde e Braga, correspondendo ao então designado concelho de Prado. Em 1855, o concelho de Prado é extinto passando o grosso das suas freguesias para o concelho de Barcelos, mas também para os de Vila Verde e Braga.

Na exposição de cerâmica de 1882, realizada no Palácio de Cristal, no Porto, figuraram peças de olaria dos concelhos de Vila Verde e de Barcelos. São essas peças de 1882, a que se juntam outras recolhidas no segundo quartel do Século XX, que aqui se expõem, distribuídas pelo tipo de produção - loiça preta, vermelha, vidrada e polida.

Loiça preta

No final do século XIX e durante o século XX, o fabrico de loiça preta estava confinado às freguesias de S. Mamede de Escariz e Parada de Gatim, em Vila Verde.

O barro era *esmagado* num *masseirão* com o auxílio de um *masco* ou *pisão*, peneirado, misturado com água numa *masseira*, e vergado no *vergadoiro*.

Estes oleiros usavam o torno e coziam a loiça em forno de duas câmaras superiormente descoberto, sendo, na fase final da cozedura, fechadas todas as entradas de ar, criando-se deste modo uma atmosfera redutora, que conferia à loiça a sua tão característica cor preta.

Os últimos oleiros (3.º quartel do séc. XX) comercializavam a loiça unicamente na feira quinzenal de Ponte de Lima, sendo transportada em carro de bois, bem acamada com palha, ou levada à cabeça pelas mulheres. O modo de transportar a loiça à cabeça podia ser feito de dois modos distintos: tratando-se de loiça miúda dentro de cestos, acamada com palha; tratando-se de cântaros, simplesmente atados com cordas em *molhada*.

Felgar (Torre de Moncorvo, Bragança)

As primeiras referências ao fabrico de olaria em Felgar e na vizinha freguesia de Larinho datam do século XVII. Na década de 80, o último sobrevivente desta longa geração de oleiros era António Rebouta, o qual faleceu em 1987.

Usavam dois tipos de barro, um gordo e outro magro. O barro depois de seco era moído numa atafona, peneirado e amassado com água no *massadouro*, misturando-se nesta fase os dois tipos de barros e formando-se as *pélas*. De seguida o oleiro colocava a péla sobre o *fingidouro*, e aí voltava a amassar, *fingir o barro*.

Estes oleiros trabalhavam no torno e coziam a loiça num forno comunal, constituído por duas câmaras, sendo superiormente descobertos.

A loiça produzida destinava-se principalmente a água e à preparação de alimentos: *alguidares, asadas, bilhas, cantarinhas, cantarinhas de encher pelo só, cântaros, cantis, panelas, panelas de ordenhar, púcaros, remeias, requeijoeiras, talhas, talhões, testos, tigelas e vasos*.

Selhariz (Chaves, Vila Real)

No séc. XVIII produzia-se loiça nas freguesias de Oura, Vidago e Selhariz. Estas localidades devem considerar-se como pertencentes ao conjunto olárico de Chaves/Vilar de Nantes, tal com o são Samaiões e S. Pedro de Agostém.

O fabrico de loiça renasceu em Selhariz, no segundo quartel do século XX, devido ao facto de para aí ter ido trabalhar o oleiro de Vilar de Nantes, Silvino da Silva.

O modo de preparar o barro e as técnicas utilizadas no fabrico e cozedura da loiça eram em tudo idênticos às do centro olárico de Vilar de Nantes. A única alteração que Silvino da Silva introduziu foi ter passado a demolhar o barro num tanque e não na *barreira*.

Silvino da Silva fazia *cântaros, alguidares, tanhas, cafeteiras, caçoilas, garrafões, potas, púcaros ecanudos para as toupeiras*. Mas, para além dessa produção necessária a satisfazer as necessidades de uma população rural, deleitava-se também a criar modelos que lhe eram ditados pela sua fértil imaginação.

A loiça, vendia-a pelas redondezas, com o auxílio de sua mulher. Com a sua morte terminou em Selhariz o fabrico de loiça.

Barcelos (Braga)

A região oleira de Barcelos é constituída pelas freguesias de Areias de S. Vicente, Galegos S. Martinho, Galegos Santa Maria, Lama, Oliveira, Pousa e Ucha. A origem das loiças de Barcelos perde-se no tempo, mas há registos de que já eram bastante populares no século XVI.

Segundo Rocha Peixoto, em 1890, Barcelos era o mais importante centro cerâmico popular do país, contando com 101 oficinas. “*Os oleiros de Barcelos são singulares na sua arte e até na maneira de organizar os lotes, as medidas e os preços*”, esclarece, Macedo Correia. Apesar dessa dinâmica, a maioria dos oleiros vivia pobre e em condições muito precárias.

A partir do início da década de setenta do século passado, a produção de loiça utilitária de Barcelos entra em declínio face à concorrência dos utensílios domésticos em plástico e em metal.

Loiça polida vermelha, branca e preta

O fabrico de loiça vermelha polida aparece referido em 1899 como “*loiça fina de Prado*”. A argila era preparada do seguinte modo: colocava-se o barro num tanque com água sendo frequentemente mexido até estar bem diluído, sendo de seguida trasfegado para outro tanque. Nessa trasfega o barro tinha de ser peneirado por uma peneira de malha fina. O barro coado era deixado em repouso no tanque durante vários dias até que as partículas se depositassem no fundo, ficando a água à superfície. Quando isto sucedia os oleiros, com um recipiente, retiravam cuidadosamente a água existente à superfície, de modo a que no tanque se mantivesse apenas a pasta de barro, que aí permanecia até ficar completamente em pasta e poder ser manuseada. Ao retirá-la do tanque colocavam-na sobre telhas ou atiravam-na à parede para que perdesse o excesso de água que ainda continha.

Esta loiça era feita na roda do oleiro, sendo seguidamente submetida a um período de secagem, findo o qual voltava à roda “*para ser torneada e polida*”.

Vilar de Nantes (Chaves, Vila Real)

A região de Chaves era um importante centro produtor de loiça preta, existindo o seu fabrico documentado desde o séc. XVIII.

Quando o barro chegava à oficina era guardado a um canto, na *barreira*. Aí mesmo, com o auxílio da *enxada* ou *sachola*, partia-se em fragmentos. Seguidamente misturava-se-lhe água continuando a mexê-lo com a enxada. Esta pasta mole era depois colocada sobre a *pedra de pisar* ou *amassar o barro* sendo energicamente batida, com o auxílio da *foice*. Depois do barro bem batido partia-se em *talhadas*, as quais eram guardadas a um canto da pedra de pisar.

Usam o torno e cozem em forno de duas câmaras superiormente descoberto, o qual é abafado no final da cozedura de modo a criar uma atmosfera redutora para que as peças fiquem pretas.

A venda da loiça fazia-se por esses montes fora, em percursos mais ou menos extensos. Transportavam-na metida em sacos, bem acamada, no dorso dos burros. Era costume em percursos menores as mulheres transportarem a loiça à cabeça, acamada em grandes cestos ou simplesmente metidas umas dentro das outras.

Bisalhães, Mondrões (Vila Real, Vila Real)

A loiça preta de Bisalhães teve a sua origem há muitos séculos quando as oficinas de oleiros se estendiam por várias freguesias e constituíam um centro produtor de certa importância.

Chegado à oficina, o barro é estendido ao sol para que seque, sendo preparado do seguinte modo: *píam* (esmagam) o barro dentro de um pico com o auxílio do *píio*; crivam-no para dentro de uma *gamela*; misturam-no com água e amassam-no com as mãos.

Utilizam a roda baixa e cozem em forno descoberto, o qual abafam no final da cozedura de modo a criar uma atmosfera redutora.

Produzem dois tipos de loiça: a «loiça churra», ou seja, a loiça utilitária que praticamente não é decorada, e a «loiça fina», loiça que de um modo geral tem funções mais decorativas do que utilitárias e que é decorada.

Vendiam a loiça no mercado de Vila Real e pelos povos e vilas das redondezas, transportando a loiça dentro de cestos e acamada com fetos. Hoje vendem principalmente à porta de casa e nos postos de venda que possuem à entrada de Vila Real e anualmente na feira de S. Pedro.

Loiça vermelha fosca

A loiça vermelha fosca era produzida em diferentes freguesias dos concelhos de Vila Verde e Barcelos. Cerca de 1939-1940 produz-se loiça vermelha fosca nos concelhos de Vila Verde (freguesias de Cabanelas, Cervães e Santa Marinha de Oleiros) e de Barcelos (Oliveira e Ucha).

O barro era adquirido ao barreiro que o transportava até à oficina do oleiro em carro de bois e tinha de ser seco antes de se guardar. Quando o oleiro precisava de barro tratava de o pisar no masseirão com o auxílio de um mascoto, peneirar, amassar e vergar no *vergadoiro*. Os oleiros usavam o torno e coziavam a loiça em forno coberto, com duas câmaras. Produziam loiça para ir ao fogo e para água, vasos para plantas, formas para pão-de-ló, fornos para cozer pão, coelheiras, bebedouros e comedouros para aves, e brinquedos para crianças.

Nos séculos XIX-XX a loiça era vendida essencialmente nas feiras de Barcelos, Ponte de Lima e Viana do Castelo, sendo transportada em carro de bois.

Loiça vidrada

Em 1899 produzia-se loiça vidrada em diversas freguesias, sendo que em 1940, o seu fabrico se estendia por Lama, Areias, Galegos Santa Maria, Galegos S. Martinho e Manhente.

Na oficina o barro era colocado no *calco* ou *aloque* e aí espicaçado com o auxílio de uma sachola. Depois era demolido com água, assim permanecendo durante algum tempo até que ficasse bem humedecido. De seguida era amassado com a pata dos bois e, depois de devidamente amassado, atirado à parede para que a pasta perdesse a água em excesso que ainda possuía, sendo posteriormente *vergado* no *vergadoiro*. O oleiro fazia então as *pélas* ou *peloiros* que levava ao torno para a execução das peças.

Alguma loiça era decorada com pinturas feitas pelas mulheres, à mão livre, ainda antes de receberem o banho de vidrado.

O forno usado por estes oleiros era semelhante ao utilizado para cozer a loiça vermelha. A loiça vidrada era cozida uma única vez, apenas havendo uma segunda cozedura no caso da «loiça de vidrados corados».

Guimarães (Braga)

Em 1884, na Exposição Industrial de Guimarães, é referida a existência de 30 operários do sexo masculino a trabalhar em olaria.

O barro era quase todo adquirido em Prado, preparando-se o barro do seguinte modo: o barro seco era colocado dentro do *masseirão*, esmagado com um *pisão* ou *mascoto* até ficar reduzido a pó; de seguida era peneirado, amassado com água dentro da *masseira* e vergado no *vergadoiro*, dando-se-lhe a forma de uma *broa*. Desta *broa* retirava o oleiro um pedaço de barro, o *peloiro*, o qual ia depois à roda. Decoravam algumas peças com o auxílio de singela ferramenta, recorrendo para o efeito à impressão com marcadeira ou carretilha, à técnica do encrespado, ao «rendilhado» e à aplicação de mica e de elementos moldados. A loiça era cozida em atmosfera oxidante, em forno abobadado constituído por duas câmaras. Em 1909 produziam “*cântaros, púcaros, panelas, testos, chocolateiras, vasos para flores, alguidares, botijas, tubos de encanação, estros para ladrilho de fornos e fornos de cozedura de padaria, que ora se fazem em Guimarães*”. Comercializavam a sua loiça em Guimarães, Fafe, Lixa, Amarante, Basto e Penafiel.